

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (Per)cursos da graduação em História: entre a iniciação científica e a conclusão de curso, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU

Instituto de História – INHIS

Curso de História

BRUNA BRAGA TENAGLIA

**O AVANÇO DA MODERNIDADE NAS TRADIÇÕES POPULARES:
FOLIA DE REIS EM UBERLÂNDIA (1985- 2016)**

Uberlândia - MG
2017



BRUNA BRAGA TENAGLIA

O AVANÇO DA MODERNIDADE NAS TRADIÇÕES POPULARES: FOLIA DE REIS EM UBERLÂNDIA (1985-2016)

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura e Bacharelado em História no Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação do Prof. Drº. Newton Dângelo.

**Uberlândia – MG
2017**

Ficha Catalográfica

Tenaglia, Bruna Braga.

O avanço da modernidade nas tradições populares: Folia de reis em Uberlândia (1985-2016) / Bruna Braga Tenaglia. – Uberlândia, 2017

39 fl

Orientador: Newton Dângelo.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História.

Inclui Bibliografia.

1. Folia de reis – 2. Preservar – 3. Associação
I. Dângelo, Newton. II. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de História. III. Título

Banca Examinadora

Profº. Drº. Newton Dângelo
(Orientador- UFU/ INHIS)

Jeremias Brasileiro
(Doutorando- UFU)

Profª. Drª Leila Floresta
(ESEBA – UFU)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Simone Aparecida Braga, pelo apoio incondicional, paciência e ajuda em todos os momentos que pareceram difíceis, pois, sem ela eu jamais teria tido forças para chegar até aqui.

Ao meu namorado Aquiles Antônio da Silva pela disposição de sempre me ajudar nos momentos de “correria”, além do apoio para a concretização deste sonho.

Aos amigos do curso de História, em especial, Mirelli, Thaís e Hugo pela amizade e companheirismo durante esses anos. Obrigada por não me deixarem desanimar, e me ensinarem coisas que vou levar comigo para o resto da vida.

Ao meu orientador Newton Dângelo por ter aceitado o convite de orientação e pela ajuda e paciência.

Aos examinadores da banca Jeremias e Leila por tirarem um tempo e se disponibilizarem a fazer parte da banca.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Todas as fotos são de Arquivo Pessoal – Bruna Braga Tenaglia

Ilustração 1: Altar da Capela de Santos Reis/ Festa de comemoração do dia das mães.....20

Ilustração 2: A foto registra o momento durante do Evento da Chegada das Bandeiras de um Grupo de Folia de Reis organizado pelo Museu do Folclore de SJ Campos 21

Ilustração 3: Festeiros do ano com as coroas, aguardando para entrar na Capela de Santos Reis. Festa de comemoração ao dia das mães 22

Ilustração 4: Arcos que representam os diferentes portais até a chegada dos Reis Magos ao menino Jesus. Festa de comemoração ao dia das mães 23

Ilustração 5: Terno se preparando para entrar na Capela, organizada com todos os foliões/ Festa de comemoração ao dia das mães 24

SUMÁRIO

Resumo	8
Introdução	9
CAPÍTULO 1- A FOLIA DE REIS NO BRASIL	11
1.1- O sagrado e profano na Folia de Reis	15
CAPÍTULO 2- A FOLIA DE REIS EM UBERLÂNDIA	18
2.1- Símbolos da Folia de reis	20
2.2- Folia de reis enquanto Patrimônio Imaterial e Folclore	25
Capítulo 3:A CONSTRUÇÃO DA CAPELA DE SANTOS REIS EM UBERLÂNDIA	28
3.1- A criação do grupo de Jovens da Capela de Santos Reis.....	32
3.2- Mudanças ocorridas com a chegada da modernização.....	34
Considerações finais	37
Fontes	38
Bibliografia.....	39

RESUMO

O trabalho tem como objetivo compreender a Folia de reis e como a mesma vem enfrentando dificuldades em manter viva sua tradição, não só em Uberlândia, mas, em todos os Estados do Brasil onde é celebrada. Para falar sobre estes problemas que a Folia vem passando, o texto vai trazer a história da Capela de Santos Reis a partir da entrevista realizada com o Sr. João Clemente, que demonstra muito bem todos estes problemas.

Com a ajuda e o apoio do prefeito Zaire Rezende, foi construído em Uberlândia, no ano de 1985, uma Capela que se tornou a Associação de Folia de reis, com a finalidade de preservar e manter viva a festa, que veio da zona rural para a zona urbana, e que está sendo cada vez mais esquecida.

Hoje o maior desafio é tentar ensinar aos jovens os segredos de toda fé e devoção, para que eles possam continuar a trajetória de seus pais, que normalmente fizeram parte dessa celebração a vida toda.

O desejo dos pais é o mesmo de todos aqueles que procuram resguardar a folia, que é passar todos os ensinamentos que aprenderam com seus descendentes para os filhos, com a intenção de que eles perpetuem toda essa fé existente na festa de Reis.

Palavras chave: Folia de reis, preservar, associação.

INTRODUÇÃO

Meu primeiro contato com o tema surgiu na infância, onde membros da família participavam e acompanhavam a festa desde os primeiros preparativos, cresci participando todos os anos da mesma, em diversas cidades e fazendas. Quando criança não tinha a percepção da importância que ela tinha, mas já era encantada com toda aquela celebração, principalmente com as músicas que são cantadas.

O interesse pelo assunto como tema de monografia surgiu no 2º período do Curso de História, onde foi necessário escrever um artigo na disciplina de História Local e Regional, o que me fez ficar bastante desesperada, já que nunca tinha feito um artigo. Para fazer o trabalho, foi preciso utilizar da história oral, que tem grande importância na escrita da História e que me deixou mais fascinada ainda, pois tive o imenso prazer de entrevistar o presidente da Associação de Folia de Reis de Uberlândia naquela época, o Sr. Alair José Rabello, que me recebeu com todo carinho e entusiasmo, mesmo estando um pouco debilitado, e que hoje já não está mais entre nós.

Passei uma tarde toda com ele e a esposa, conversando sobre como a folia começou em Uberlândia, e como ele tinham se envolvido na festa e se tornado um dos principais membros da associação já no início de tudo.

Muito empolgado em contar sua história, o Sr Alair respondeu a todas as perguntas e falou até muito mais do que eu procurava naquele momento, buscou documentos, fotos, a bandeira e até as vestimentas do terno em que ele participava. Sai da casa dele com o coração cheio de alegria e entusiasmo por essa festa, só por ter ouvido e sentido o quão imenso era o amor que aquele senhor tinha por essa tradição.

Desde o momento em que realizei a entrevista com o Sr. Alair Rabello tive a total certeza de que este seria o assunto da minha monografia, pois, acredito que ela deva ter como tema, algo que amamos e acreditamos ser importante para a sociedade.

Sendo assim, deve-se trazer antes de tudo, a história de Uberlândia, município que fica no Estado de Minas Gerais, e localiza-se no Triângulo Mineiro, sendo a cidade mais populosa dessa região. Antes de se tornar tão populosa a mesma era apenas ponto de passagem de grupos que tinham como destino o Planalto Central, mas, logo se tornou visível e extremamente requisitada.

A ocupação de Uberlândia teve início no século XIX, com a vinda de famílias que iam se fixando e com isso formando pequenos estabelecimentos. A construção da

capela de Nossa Senhora do Carmo e São Sebastião firmou a formação do povoado em 1853, sob influência da religião católica e que ainda mantém seus ritos e festas.

Os primeiros registros da Folia de Reis no Brasil datam do século XVIII e desde então a festa se difundiu pelos estados brasileiros, mas ainda assim, permaneceu e permanece de forma bastante forte na zona rural. O grande fluxo de pessoas vindas do campo para as cidades, principalmente a partir da década de 1960, fez com que a celebração também tomasse forma nas áreas urbanas brasileiras, em muitos casos com menos visibilidade e em outros com estilos próprios.

Embora seja considerada uma festa rural, muitas companhias se deslocaram para as cidades, onde no ano de 1985 surge em Uberlândia uma associação de folia de reis que contou com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura, sendo criada com o objetivo de preservar a tradição e junto a ela os valores culturais do município. De acordo com os registros da associação, estão registrados 40 ternos de folia que se reúnem para a festa anual no dia 6 de janeiro, dia de Santos Reis, na Capela de Santos Reis, ponto de encontro das folias locais e vizinhas, como Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos.

A festa acontece em Uberlândia a mais de 40 anos, onde fé e colaboração são marcas da festividade que é realizada com a doação de alimentos e materiais para a preparação do tradicional almoço e jantar para o público. Os foliões são os grandes responsáveis pela sua realização, sendo a festa também, o momento de pagar o voto feito pelos fiéis.

O presente trabalho será dividido em três capítulos: no capítulo 1 discutiremos como e quando a Folia de reis chegou ao Brasil, além do seu real significado e da sua relação com o sagrado e profano. Já no capítulo 2 será discutido como a Folia se tornou visível em Uberlândia e onde aconteceram suas primeiras apresentações, além de seus mais importantes símbolos e as consequências mais que favoráveis em se tornar Patrimônio Imaterial, como também uma breve discussão sobre a mesma ser ou não uma festa folclórica.

No capítulo 3 falaremos sobre a fundação da Capela de Santos Reis e a criação do grupo de jovens, demonstrando que o intuito real da mesma, é o de preservar os costumes de uma tradição que vem morrendo junto aqueles que fizeram parte dela a vida toda, além de como a modernidade se estabeleceu e fez com que os devotos se adaptassem as transformações que ela causou.

CAPÍTULO 1- A FOLIA DE REIS NO BRASIL

De acordo com Iane de Melo na obra “A Folia de reis no Brasil: Tradição e “cultura popular” (2000 a 2010)”, as fontes sobre o início da Folia de reis no Brasil, são poucas e escassas, e os registros que existem datam do Século XVIII na Bahia. A autora utiliza de Brandão afirmando que os locais em que já existia a tradição da peregrinação do dia 24 ao dia 6 de Janeiro, eram somente no Rio Grande Sul, São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Bahia e Maranhão.

Mesmo estando presente a um bom tempo nos Estados brasileiros, a Folia de reis é uma festa católica, de origem portuguesa, que celebra o nascimento de Jesus Cristo, trazendo em seu enredo a caminhada dos três Reis Magos (Baltazar, Belchior e Gaspar) à procura do menino Jesus, relembrando toda a história bíblica.

Bonesso completa: “A jornada cumprida em vários dias pelas folias de reis é um ritual que percorre as casas de devotos, simbolizando a peregrinação bíblica que os reis magos fizeram no Oriente para Belém até a manjedoura onde o menino Jesus nasceu” (pg.17).

Segundo a simbologia, os três Reis Magos foram homens que guiados por uma estrela (estrela de Belém) conseguiram chegar até Jesus no dia do seu nascimento e que representavam os ricos e os poderosos, levando junto a eles presentes que além de possuírem um altíssimo valor de custo, possuíam também grande importância simbólica.

Ainda que possuísem uma grande quantidade de posses e muito reconhecimento, os três Reis Magos respeitavam e curvavam-se a Jesus, possuindo cada um deles uma etnia diferente, sendo Baltazar negro, Belchior de cor clara e Gaspar de cor amarela, o que faziam deles representantes de toda a nação.

Os presentes que levaram ao menino Jesus faziam jus a quem eram, sendo, o ouro um símbolo que representava a nobreza, algo que era dado apenas para reis, o segundo presente dado foi o incenso, que representava a fé e era um presente oferecido apenas aos sacerdotes¹, já o terceiro presente oferecido, foi à mirra², que representava o sacrifício, além de ser um presente oferecido somente aos profetas³.

¹ Pessoa dedicada ao trabalho com coisas sagradas. Na bíblia o sacerdote oferecia sacrifícios e o louvor a Deus, ensinava o povo a obedecer a Deus e tomava conta do templo.

O trabalho principal de um sacerdote era representar um grupo de pessoas em rituais religiosos, restabelecendo a comunhão entre Deus e os homens. Ele oferecia os sacrifícios pelos pecados das pessoas

Já estabelecida no Brasil, logo no começo, houve grande dificuldade em manter a Folia de reis viva, pois, foi um período em que existiu uma forte hierarquia com relação ao clero.

Segundo Carlos Pedroso no livro “Folia de Reis: folclore encantado” foi imposto ao povo que fosse seguida uma única corrente litúrgica nas celebrações das festas religiosas, que deveriam ser realizadas sempre nos termos rígidos da tradicional doutrina apostólica, desejada por Roma.

No Brasil essa decisão foi reivindicada e por isso houve uma acentuada divisão entre o catolicismo, sendo aquele doutrinado pelo clero e o catolicismo popular exercido pelos benzedores, por capitães de Congado, capitães de Folia e por todas as lideranças religiosas. Originou-se assim o Catolicismo popular que trouxe como consequência a exclusão da Folia de reis da liturgia da Igreja Católica.

Nas primeiras festas que foram realizadas para homenagear os Reis Magos, os foliões se reuniam nas casas e recitavam versos, rezando o terço e dando a benção em todos os cômodos da casa, em sequência era servido aos foliões um lanche ou até mesmo um almoço ou jantar, e que devem ser aceitos em todas as casas, já que é uma forma de agradecimento a visita realizada e as bênçãos que foram recebidas dos Santos Reis.

A tradição se espalhou e passou a ser celebrada por diversas etnias e povos, como também em diversas regiões, inclusive a do Triângulo Mineiro, que segundo Beatriz Soares criou e preservou uma identidade econômica e social, que se encontra em diversas formas e partes do seu território.⁴

e realizava outras cerimônias religiosas, como a alguns atos de purificação cerimonial. Também orientava as pessoas sobre como viver para agradar a Deus.

² A mirra é algo raro, é uma resina extraída de uma árvore baixa chamada *cammiphora* típica do Norte da África e Mar vermelho. É uma fragrância que está associada a eventos divinos e à força da fé.

³ Um profeta era alguém chamado por Deus para cumprir uma tarefa ou várias tarefas, especialmente a de entregar uma mensagem dele.

⁴ A palavra tradição teve originalmente um significado religioso: doutrina ou prática transmitida de século para século, pelo exemplo ou pela palavra. Mas o sentido se expandiu, significando elementos culturais presentes nos costumes, nas Artes, nos fazeres que são herança do passado. Em sua definição mais simples, tradição é um produto do passado que continua a ser aceito e atuante no presente. É um conjunto de práticas e valores enraizado nos costumes de uma sociedade. Esse conceito tem profundas ligações com o outro, como cultura e folclore.

Hoje estão registrados no Estado de Minas Gerais, cerca de 1.500 ternos, distribuídos pelas cidades e distritos de acordo com o IEPHA⁵ (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais).

Desde os tempos coloniais a folia está presente na cultura mineira, e o grande fluxo de pessoas vindas do campo para as cidades, principalmente a partir da década de 1960, fez com que a celebração também tomasse forma nas áreas urbanas brasileiras, em muitos casos com menos visibilidade e em outros com estilos próprios.

Segundo Juliana Martins a Folia de reis é diferente de todas as outras festas populares, e o que mais a diferencia é o giro⁶ que é realizado pelos foliões durante os dias de pagar os votos.

Durante todos estes séculos de tradição, houve uma grande modificação, tanto nos giros, quanto em vários outros aspectos. Antigamente o giro era feito a pé ou a cavalo, hoje são realizados com automóveis, o que facilita e aumenta o trajeto percorrido pelos festeiros.

Com a facilidade de locomoção atual, os foliões conseguem arrecadar uma maior quantia em dinheiro para a compra dos alimentos que são utilizados para fazer a janta no dia da festa principal, que é servida tanto ao Terno quanto à população que participa da celebração.

A folia só consegue ser realizada com a ajuda dos fiéis e dos familiares dos festeiros que se colocam como voluntários, para a organização da festa e para a preparação da comida que é servida.

Boa parte das pessoas que participam da Folia são grupos sociais que nem sempre estão ligados à Igreja Católica, o que permite que eles sejam facilmente influenciados pela contemporaneidade, trazendo novos elementos para a festa e permitindo com que os foliões consigam unir sua vida cotidiana com a celebração.

Geralmente os grupos são compostos por pessoas bem humildes, que moram nos bairros periféricos e que precisaram se adaptar aos novos tempos, necessitando trabalhar para se manter na zona urbana, já que boa parte delas veio da zona rural. Para não ficarem sem contribuir com os preparativos da festa, essas pessoas saem em

⁵ É uma fundação sem fins lucrativos vinculada à Secretaria de Cultura de Minas Gerais. Tem por finalidade pesquisar, proteger e promover os patrimônios cultural, histórico, natural e científico, de natureza material e imaterial, de interesse de preservação no Estado de Minas Gerais.

⁶ Giro: Peregrinação e visita na casa dos fiéis para abençoar as mesmas.

jornadas noturnas ou aos finais de semana e muitas vezes deixam para realizar as atividades nas férias de trabalho.

A participação dos foliões é de forma espontânea, mas, a partir do momento em que eles firmam o compromisso de fazer parte do terno, é obrigatório que eles permaneçam no grupo por no mínimo sete anos, que é o tempo necessário para se cumprir um ciclo completo de jornada, que tem como intenção conseguir as graças que foram pedidas.

A Folia sai no dia 24 de dezembro, sempre a meia noite, percorrendo variados caminhos e já fazendo a visitação na casa dos fiéis, para que se dê início à peregrinação e o cumprimento dos votos. Sua jornada acaba no dia 6 de Janeiro, dia de Santos Reis, um dos momentos mais importantes da Folia, e que merecem uma atenção e celebração especial.

Os ternos de Folia de Reis são compostos por um número variado de participantes, que segundo Juliana Silva, se diferencia pelas vestimentas, pela escolha das músicas cantadas e principalmente pelo caminho percorrido que dura em média 13 dias, entre o dia 24 de dezembro ao dia 6 de janeiro, contando com o dia da entrega da coroa, que é passada para aquele que irá representar (festeiro) o terno no ano seguinte e realizar a festa.

De casa em casa como em uma peregrinação, os foliões saem carregando a bandeira cantando e tocando seus instrumentos, o que eles dão extrema importância, estando entre eles: a caixa, a viola, o violão, o cavaquinho, a rebeca, o bandolim e a sanfona. Cada instrumento é tocado por um participante, o que não quer dizer que eles não saibam tocar mais de um, o que é comum entre os integrantes.

Mesmo a Folia sendo algo coletivo, não se pode esquecer a individualidade dos participantes, que com seus diversos dons, sejam eles o de cantar, dançar ou tocar, fazem deles seres diferenciados na comunidade em que vivem, lembrando que, toda individualidade se transforma diariamente, demonstrando que todos possuem vontades e identidades próprias.

O termo cultura popular, não é simples de se definir, e Martha Abreu em seu texto “Ensino de História, conceitos, temáticas e metodologia” vai deixar claro tal problema quando diz:

“Cultura popular é um dos conceitos mais controvertidos que conheço. Existe, sem dúvida, desde o final do século XVIII; foi utilizado com objetivos e em contextos muito variados, quase sempre envolvidos com juízos de valor, idealizações,

homogeneizações e disputas teóricas e políticas. Para muitos, está (ou sempre esteve) em crise, tanto em termos de seus limites para expressar uma dada realidade cultural, como em termos práticos, pelo chamado avanço da globalização, responsabilizada, em geral, pela internacionalização e homogeneização das culturas. (ABREU, 2003)”

Mesmo com a dificuldade de se conseguir uma definição, Martha Abreu em outra obra, chamada “Cultura popular, um conceito e várias histórias”, traz a questão da cultura popular, sendo pensada de formas totalmente diferentes por diversos autores, onde na maioria das vezes foi associada ao moderno e outras vezes associada à identidade de um povo, e por ser ligada a identidade de um povo deveria ser preservada.

Ainda segundo a autora, o conceito de cultura popular existe desde o século XVIII, com variados significados, e que não se consegue defini-lo muito bem, mas, sabe-se que é um termo que vem do “povo”, no caso, manifestações criadas em conjunto, normalmente transmitidas de forma oral e passada de geração para geração.

1.1- O sagrado e o profano na Folia de reis

Outra importante relação existente na Folia de reis é a relação entre o sagrado e o profano, onde o sagrado está nas bênçãos e promessas que são alcançadas durante o cumprimento das mesmas pelos foliões, enquanto o profano está ligado aos desejos mundanos⁷, com a intenção de cumprir os votos para conquistar bens materiais.

De acordo com Brandão, o sagrado e o profano andam juntos à folia, definindo que o profano está em suas danças, suas roupas portuguesas e seus instrumentos, enquanto o sagrado está na força da fé que a festa transmite.

Paulo Sérgio da Silva em seu texto: “A Multidimensionalidade das Manifestações Culturais: o Sagrado e o Profano no Contexto das Falias de Reis.”

⁷ O termo “desejos mundanos” muitas vezes pode ser associado à idéia de imoralidade ou de perversidade. Porém, esta é uma interpretação errada. A palavra “mundano” é utilizada no sentido de algo derivado do “mundo”. Portanto, “desejos mundanos” deve ser entendido como “desejos do mundo” ou como “desejos materiais”. Muitas pessoas almejam um bom emprego, enquanto outras, uma bela casa. Há aquelas que lutam para superar o carma de doença ou para criar um bom relacionamento familiar. Todos estes desejos fazem parte da vida de qualquer pessoa humana e compreendem os desejos mundanos, que evidentemente não podem ser erradicados

mostra como o sagrado e o profano são diferentes e vivem em contradição, sendo dois lados totalmente opostos, onde não se tem nada em comum.

“Sagrado e profano, categorias de conhecimento e de apreensão do real no domínio religioso, regularmente são tidos como domínios opostos, numa relação de constante contradição. Rotineiramente são citados como duas categorias diferenciadas, radicalmente opostas, como gêneros apartados, dois mundos entre os quais não há nada em comum e cujas energias vitais não são simplesmente distintas, mas de naturezas diversas. Sob este prisma, sagrado e profano não são apenas concebidos como separados, mas como hostis e ciosamente rivais um do outro, num entendimento de que somente pode-se pertencer plenamente a um com a condição de se ter inteiramente saído do outro.” (SILVA, 2007. pg. 25)

Mesmo toda contradição existente entre o sagrado e o profano, Silva diz haver algumas exceções nessa relação, e uma delas é na Folia de reis, onde os dois andam juntos e se completam, sem um anular o outro.

“Contudo, apesar desta oposição conceitual no contexto das manifestações culturais, o sagrado e o profano exercem implicações mútuas, nem sempre sob a égide da oposição, mas, não raras vezes, sob a lógica da complementaridade. Tal interação é evidente no universo das Folias de Reis, em que a relação entre sagrado e profano não encarna a dimensão de uma contradição insuperável, onde um extremo não anula o seu concorrente, mas assume uma dialética de oposição e de interação em que embora cada categoria detenha domínios específicos - objetos, espaços, gestos e falas – institui-se entre elas uma relação intrínseca e vital. Ao final, percebe-se que no contexto desta prática cultural, tais domínios implicam-se e condicionam-se mutuamente, coexistem e se complementam numa relação baseada em intercâmbios, implicações e trocas construindo uma lógica de mesclagem.” (SILVA, 2007. Pg. 25)

Para demonstrar como os dois andam juntos, Rangel Filho afirma que a Folia de reis é considerada uma festa sagrada, mas, que o baile é considerado profano, o que torna essa divisão um pouco confusa, já que os símbolos também são possíveis de serem divididos segundo essa lógica. Como exemplo, nota-se que os palhaços representam o profano, pois, estão sempre dançando e com vestimentas muito coloridas, enquanto a bandeira simboliza o sagrado, pois, representa toda a fé e devoção dos fiéis, além de ser o principal e mais utilizado símbolo da festa.

Por fim, entende-se que a grande diferença entre o sagrado e profano não muda nada na celebração, pelo contrário, só ajuda a entender os reais significados dos símbolos da Folia.

CAPÍTULO 2- A FOLIA DE REIS EM UBERLÂNDIA

De acordo com o site da prefeitura de Uberlândia a festa é celebrada segundo os modos tradicionais, afirmando que:

“Em Uberlândia, as celebrações realizadas pelas Falias de Reis são feitas nas casas dos devotos, nas igrejas/capelas, nos galpões, dentre outros espaços, por meio de cantos e objetos sagrados que compõem os rituais da manifestação. Sem a presença de padres ou qualquer autoridade formal pertencente à Igreja, as casas dos devotos se transformam em santuários sagrados nas jornadas dos giros, ou nas festas, recebendo as bênçãos dos foliões. A proteção propagada pelas Falias de Reis vem da fé e devoção compartilhadas entre foliões e devotos.” (Site prefeitura de Uberlândia. 2011)

Partindo da entrevista que realizei com o Sr. João Clemente a festa começou sendo celebrada em Uberlândia nas praças da cidade, entre elas a Praça Nossa Senhora Aparecida, São Judas Tadeu e em algumas Igrejas do Bairro Santa Mônica e antes mesmo de terminar a construção da capela, as comemorações já passaram a ser feitas lá.

“Parece que o primeiro foi na praça lá da bicota, o primeiro encontro foi lá, se não me engano foi lá. Teve também na Praça Nossa Senhora Aparecida, teve lá na São Judas Tadeu, lá no Roosevelt né, teve mais onde... também me lembrar desses três aí, ah no Santa Mônica também, na principal ali, na Igreja do Santa Mônica também teve, tudo antes de começar aqui, antes de passar pra cá né, depois que começou a fazer a Igreja aí nós já fizemo, as parede nós não tinha nem terminado, não tinha cobrido, nós já fizemo, o primeiro encontro foi aqui já, antes mesmo de terminar.” (João Clemente 2017)⁸

A Capela tem um bom espaço e cabem muitas pessoas, até mesmo nas datas comemorativas durante o ano, que costumam reunir muitos ternos, consequentemente muitas pessoas. Nesses dias é servido um almoço para comemorar e reunir os fiéis, além de serem vendidos alguns objetos, com a intenção de arrecadar fundos para a festa no começo do ano.

⁸ Entrevista realizada com o Sr. João Clemente em Uberlândia no ano de 2017. Arquivo pessoal.

Além de todas as comemorações, todo Domingo de manhã é celebrada a missa, que conta sempre com a presença de um padre e de alguém que queira passar alguma palavra importante para os presentes.

Durante a semana, a Capela fica bem vazia, somente Dona Maria, esposa do Sr. Alair vai até lá visitar e ver se está tudo bem ou se tem alguém que precisa de alguma coisa, até mesmo porque, mora uma família na casa da frente no mesmo terreno, para tomar conta da Capela e das coisas que ficam guardadas lá.

Nas visitas que realizei nos dias de missa, quase não vi jovens, a maioria são adultos e idosos, além de todos morarem bem próximos a mesma, ou seja, parece que a Capela fica um pouco escondida, onde só se sabe da existência dela, se tiver alguém da família que faz parte de algum terno, ou, alguma pessoa interessada na festa.

Tal fato faz lembrar uma questão discutida no texto de Beatriz Soares “Uberlândia: da Cidade Jardim ao portal do cerrado- Imagens e representações no Triângulo Mineiro”, onde a autora conta que na década de 50 o novo planejamento urbano criado para Uberlândia previa atender a elite uberlandense, tendo como objetivo reordenar o seu espaço urbano, o que me faz pensar que o povo foi deixado de lado na reorganização da cidade junto a suas tradições populares.

Acredito que deveria ter um dia específico para que os ternos se apresentassem para a cidade, como é feito com a Congada, pois, a festa precisa da ajuda dos fiéis para sua realização em janeiro. Se ela não for evidenciada como uma importante celebração vai realmente ser esquecida e nem mesmo a tradição de ser passada de geração em geração resolverá o problema.

A maior preocupação dos mais velhos é com que os jovens aprendam e sigam os seus passos, mas na verdade isso não vale somente para aqueles que estão presentes ou já fazem parte da festa, mas, sim para toda população, que deveria aprender e entender a importância da mesma, já que é a comemoração do nascimento de Jesus Cristo, um momento tão especial para a humanidade, independente da religião de cada um.

2.1- Símbolos da Folia de reis

Como em qualquer outra celebração, a Folia de reis também possui diversos símbolos, e alguns dos mais importantes são: o altar, que é o local mais sagrado da tradição, e é onde acontece a despedida e o pagamento das promessas.

Alguns objetos têm extrema importância em serem colocados no altar, mas, variam de acordo com a vontade dos festeiros. A Capela sempre coloca um presépio e alguns santos, dentre eles Santo Antônio e vários outros enfeites de flores e fitas coloridas.

O segundo símbolo de extrema importância da festa é a bandeira, que traz em si os signos e os significados de um povo, sendo o principal e o maior símbolo da folia de reis, lembrando que cada terno possui apenas uma bandeira.



Ilustração 1: Altar da Capela de Santos Reis/ Comemoração do dia das mães. Arquivo pessoal 14/05/2017.

Seguindo a tradição, a bandeira deve estar sempre enfeitada com flores e fitas, além de ser feita de pano e ter em suas estampas imagens bíblicas, tanto do nascimento de Jesus Cristo, como de Maria e de diferentes Santos. Ao redor das imagens, são colocadas diversas fotos, sejam de crianças, jovens, adultos ou idosos elas representam

a mesma coisa, no caso, uma promessa que foi feita a Santos Reis e será paga com a peregrinação do terno em questão.

Bonesso indica :

“A bandeira é compartilhada com os devotos, que a leva para todos os cômodos da casa para benzê-los e nela são colocadas fotos a fim de pedir uma graça”. Sua narrativa vem da história que a Virgem Maria os presenteou com um manto em agradecimento a visita ao menino Jesus, então faziam do manto uma bandeira, anunciando ao mundo o seu nascimento. Os palhaços são os integrantes mais polêmicos e sua função varia de terno para terno, sempre mascarados e vestindo roupas coloridas seguram em suas mãos a espada ou o facão, com os quais defendem a bandeira.” (BONESSO. 2012. pg 25)



Ilustração 2: A foto registra o momento durante do Evento da Chegada das Bandeiras de um Grupo de Folia de Reis organizado pelo Museu do Folclore de SJ Campos. Foto: Divulgação 25/01/2015.

O terceiro e também um dos mais importantes símbolos é a coroa, que representa a grandiosidade, a fé e a esperança em Cristo. Ao final de toda festa as coroas são passadas para outras duas pessoas que representarão o terno no ano seguinte, além



de terem a obrigação de fazer a festa e oferecer o almoço a todos que estiverem participando, sejam eles integrantes dos ternos ou não.

Ilustração 3: Festeiros do ano com as coroas, aguardando para entrar na Capela de Santos Reis. Festa de comemoração ao dia das mães. Arquivo pessoal. 14/05/2017.

O quarto e também importante símbolo, são os arcos enfeitados de folhas, flores, fitas e papel crepom, que são três, contendo cada um, um significado.

De acordo com os registros de Juliana Silva o primeiro arco simboliza o portão pelo qual os três Reis Magos passaram, identificado como portão de Belém, o segundo representa o local de entrada onde o menino Jesus nasceu, e o terceiro a manjedoura onde Jesus foi encontrado.



Ilustração 4: Arcos que representam os diferentes portais até a chegada dos Reis Magos ao menino Jesus. Festa de comemoração ao dia das mães. Arquivo pessoal 14/05/2017

Quando começam a visitação na casa dos fiéis, os foliões pedem permissão ao dono para entrar com a bandeira, pois a mesma não pode ser rejeitada quando já estiver lá dentro, se isso acontecer é uma grande ofensa e rejeição aos Reis Magos.

Como dito anteriormente os ternos de Folia possuem vários integrantes e cada um com uma função, sendo os principais: O capitão, o contramestre, os alferes da bandeira, o bandeireiro ou porta-bandeira, o requinta, os palhaços, foliões e os músicos.

O capitão é o dono do terno, e o criador das músicas que são baseadas no velho e no novo testamento, além de ser tido como o porta voz, o mesmo inicia a cantoria reforçada pelas respostas, que são dadas também por personagens da folia que possuem a função de repetir os versos.

Contramestre: O contramestre substitui o mestre caso seja necessário, além de ser a segunda voz e representarem os Reis Magos em busca da estrela para encontrar Jesus.

Alferes: É o folião responsável por carregar a bandeira à frente do grupo, e também por guardá-la e protegê-la. Junto ao mestre e ao contramestre eles representam os Três Reis Magos.

Palhaço: Vão à frente para segundo a tradição distrair os soldados de Herodes, enquanto os Santos Reis iam atrás sem seres seguidos. São os únicos participantes que não tocam nenhum instrumento, além de não poderem de forma alguma ultrapassar a bandeira e entrar nas casas.

Foliões: Representam os fiéis que seguem o grupo em peregrinação.

A roupa dos foliões costuma parecer a fardas militares, mas alguns ternos não usam um uniforme específico, enquanto os que usam, normalmente utilizam das cores azuis e amarelas, brancas e vermelhas e verdes e brancas.

Todos os foliões utilizam uma toalha no pescoço, normalmente de cor roxa nas pontas e com um bordado ao longo do pano, o que representa a toalha que Jesus usava para enxugar o seu suor enquanto andava.



Ilustração 5: Terno se preparando para entrar na Capela, organizada com todos os foliões/ Celebração do dia das mães. Arquivo pessoal 14/05/2017.

2.2- Folia de reis enquanto Patrimônio Imaterial e Folclore

Depois de um ano realizando pesquisas sobre a festa, o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha-MG), identificou no Estado cerca de 1.500 grupos de folia de reis registrados, e no dia 06 de janeiro de 2017 o CONEP⁹ (Conselho Estadual do Patrimônio Cultural) deu a aprovação para que a festa se tornasse patrimônio cultural de natureza imaterial¹⁰ do Estado de Minas Gerais.

O reconhecimento de uma festa como patrimônio imaterial tão celebrada e amada pelo povo tem uma enorme importância, pois, quando um bem é reconhecido, além de aumentar sua visibilidade e sua importância, o poder público tem a obrigação de apoiar a tradição, seja, com dinheiro, instrumentos ou donativos, como também incentivar e ajudar na perpetuação da festa.

Em pesquisas que realizei no site da prefeitura e no site de Cultura de Uberlândia, a festa foi considerada Patrimônio Imaterial pela cidade no Distrito de Martinésia em 2011, e ainda de acordo com o site a folia de reis é considerada como folclore, por ser uma tradição voltada a uma representação teatral e por conter alguns pontos significativos do folclore em si, como: alimentação, linguagem, religiosidade e vestimentas.

O folclore é uma palavra de origem inglesa, que significa “conhecimento popular” e é passado de geração para geração, para depois repassar e manter viva a tradição. Sendo assim Brandão diz:

“são propriamente folclóricas as toadas, cantos, lendas, mitos, saberes, processos tecnológicos que, no correr de sua própria reprodução de pessoa a pessoa, de

⁹ O objetivo do Conselho Estadual do Patrimônio Cultural (Conep) é dar transparência à discussão e construção de políticas públicas estaduais, estruturando critérios e conceitos a serem adotados para a identificação, proteção, valorização e preservação do patrimônio cultural de Minas Gerais, a partir de parecer técnico do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA/MG). O conselho também delibera sobre políticas e demais medidas de tutela patrimonial, como subsídios para a formulação do planejamento por parte dos órgãos gestores estaduais e municipais na área patrimonial.

¹⁰ Geralmente, quando se fala em patrimônio cultural, logo pensamos em casarões, peças de museu e outros objetos antigos. Mas o patrimônio cultural é muito mais que isso. A cultura de um povo também construída por vários outros aspectos, como tradições, o folclore, as línguas, os modos de ser e viver, as celebrações, saberes transmitidos de geração para geração, recriados e modificados coletivamente. A esse aspecto intangível da nossa cultura dá-se o nome de patrimônio imaterial. A riqueza do patrimônio imaterial pode ser facilmente observada nas variadas expressões de suas manifestações culturais. As tradições, os saberes e fazeres, os modos de ser e viver, constantemente exalta em festas, rituais e celebrações, mostram a força do “Patrimônio Vivo” multicultural.

geração a geração”, e que “foram incorporados ao modo de vida e ao repertório coletivo da cultura de uma fração específica do povo”. (BRANDÃO, 1984. p.35).

Um dos folclores mais ricos do mundo é o folclore brasileiro, com suas danças, e festas cheias de vida, suas comidas cheias de sabor e suas obras de arte e representações que só fazem exaltar a cultura brasileira.

Na obra “Cultura popular: saberes e práticas de intelectuais, imprensa e devotos de Santos Reis: 1945-2002” de Ricardo Vidal Golovaty, onde o autor pesquisa o Jornal Correio de Uberlândia, o mesmo vai dizer que o Jornal também conceitua a Folia de reis como folclore, sendo assim uma manifestação do passado, acabando por negar todas as suas transformações e ocultando sua dimensão contemporânea, evitando assim as discussões sobre os sujeitos e suas desigualdades na sociedade.

Marianna Monteiro traz um importante questionamento ao dizer que o estudo do folclore tem por adotar o conceito de sobrevivência cultural, passando a cultura popular a ser compreendida no quadro de sobrevivências do homem moderno, voltando-se o estudo do folclore para aquelas manifestações que não se deixaram contaminar pelo progresso.

Tal fato me faz discordar de Monteiro, já que a Folia sofreu e vem sofrendo modificações, de acordo com o que a modernidade vem alcançando e tomando mais espaço nas sociedades atuais.

Diferentemente de Monteiro, Bonesso traz uma visão mais apropriada sobre a festa, dizendo que a festa sofreu modificações de acordo com a urbanização: “Sofreram modificações e acréscimos de novos significados na medida em que foram incorporados ao processo de urbanização brasileiro e disputaram o interesse de novos agentes” (BONESSO, 2012. pg.55).

Monteiro não se preocupa e diz ser falsa a idéia de que a tradição pode ou não ser preservada com todas essas misturas, mas, preocupa-se se é realmente importante preservá-las.

Bonesso demonstra bem, como a folia ainda sobrevive pela fé dizendo: “Folia de reis hoje é a penosa sobrevivência de um belo ritual, de uma organização hierárquica sólida, de repentistas e instrumentistas habilidosos, da tradição de bem hospedar e, acima de tudo, da fé nos Santos Reis” (BONESSO, 2012. pg. 17)

Hoje é comum encontrar, especialmente nas grandes cidades a incorporação de vários elementos figurativos nas folias e até mesmo a retirada de vários desses elementos, desde personagens até mesmo detalhes dos ritos. Toda cultura popular é passível à mudanças, já que ela se faz a partir do “povo”, lembrando que o povo muda de acordo com as mudanças que ocorrem na sociedade e conseqüentemente nas suas vidas.

CAPÍTULO 3: A CONSTRUÇÃO DA CAPELA DE SANTOS REIS EM UBERLÂNDIA

Quando trabalhamos com fontes orais é de extrema importância trazer as questões propostas por Portelli, pois, segundo ele, elas revelam os pensamentos referentes às experiências vividas, se tornando assim uma fonte que nem sempre é precisa, mas, que podem conter dados que os documentos escritos não possuem.

As fontes orais se impõem como forma primordial para a compreensão e o estudo do tempo presente, pois só através dela podemos conhecer os sonhos, anseios, crenças e lembranças do passado das pessoas anônimas, sem nenhum status político ou econômico, mas que viveram os acontecimentos de sua época.

Como a Capela não possui quase nenhum tipo de documento, aqueles ditos oficiais, tive de utilizar das fontes orais, especificamente, entrevistar um dos principais responsáveis pela criação da Associação de Folia de reis e fundação da Capela, o Sr. João Clemente, um devoto de 72 anos.

De acordo com a fala de João Clemente, em 1972, muito antes da construção da Capela, ele já sonhava em aprender a tocar violão, e assim cantar nas rádios de Uberlândia. Em busca da realização desse sonho, o mesmo fez um voto a Santos Reis¹¹, e a partir dele começou a correr atrás de ajuda.

Em pouco tempo, ele conseguiu entrar em um grupo de Folia de Reis, onde o capitão do terno, o Sr. Jesuíno o recebeu muito bem e o ajudou em sua jornada. Tendo muito talento, logo, João Clemente junto ao seu amigo José Eustáquio estava se apresentando na rádio difusora¹² da cidade, rádio essa que segundo o livro “Vozes da cidade: Rádio e Cultura Popular Urbana em Uberlândia MG- 1939/1970” de Newton Dângelo, a mesma foi recebida muito bem por todos, principalmente pelas autoridades e pela imprensa.

Vejamos então o que nos diz o Sr. João Clemente:

“É, sobre um voto que eu fiz com Santos Reis né, porque eu queria aprender a tocar violão, queria cantar no rádio né, cantar as modinhas né, sertanejas, e então como eu

¹¹ Um voto a Santos Reis é como uma promessa feita aos três Reis Magos para a conquista de algo que é pedido pelo fiel, normalmente relacionado à saúde ou alguma outra benção.

¹² A Rádio Difusora foi fundada em 1939, produziu e irradiou programas ao vivo em estúdio, em auditórios, em praças públicas e direito das marquises de sua sede, na Avenida Afonso Pena, funcionando sem concorrentes até o início dos anos 1950.

não sabia nada e nem o outro companheiro meu que a gente trabalhava junto, é, não sabia nada também, então nós ficamos naquela ali né, precisando da ajuda das outras pessoas também, e aí foi onde me veio essa ideia né, de procurar fazer um voto com Santos Reis né... (João Clemente, 2017)

Eu também gostava da Folia de reis, que eu já tinha ouvido antes né, e meu pai gostava muito e minha mãe gostava muito também, teve muitas folias lá em casa, no Saraiva, quando a gente morava lá, e a gente passou a gostar também, então foi através desse voto que eu fiz pra aprender a tocar violão é que surgiu o início de cantar como capitão né, que ainda levou uns tempos. Primeiro eu tive que acompanhar uma folia que eu pedi ao capitão que morava no lagoinha, seu Jesuíno, então, o seu Jesuíno falou que quando chegasse a época, que naquele tempo folia era só na época certa né, era do dia 25 de dezembro a 6 de janeiro né...” (João Clemente, 2017)

“Não tinha folia como tem hoje, essas temporonas aí né, então ele falou: - “Quando chegar perto da época, aí eu te dou um alô”, porque ele passava na porta da minha casa todo dia, ia pro serviço né, aí isso aconteceu, quando foi chegando parece que em outubro daquele ano aí ele falou: - “Ó tal dia nós vamos começar a fazer os ensaios, se você quiser ir lá, pra gente começar né, ver o que você pode fazer, o que você da conta, se você vai querer fazer né, se é isso mesmo que você quer né...” (João Clemente, 2017)

“Aí então Bruna aconteceu que eu comecei a fazer esses ensaios né, assim, a promessa minha, era que eu aprendesse a tocar violão, cantasse no rádio né e também acompanhar uma folia, a primeira que saísse né, que justamente foi essa, que já começou a me dar... falou pra mim né, que a gente ia fazer os ensaios, e aí começamos, e ele viu que eu tava interessado mesmo né, e a voz ajudava também né, graças a Deus, e a gente começou e foi cada vez melhorando mais, e eu fui aprendendo umas posiçõeszinhas né no violão, e uns outros colegas lá foram ensinando na viola pra um outro colega lá, que a gente tava começando junto né, e assim nós começamos e logo tava lá na rádio, na rádio difusora.” (João Clemente, 2017)

Depois de seis anos em um terno de Folia, e já paga sua promessa João Clemente assumiu o terno como capitão e permaneceu nele até 1985, que foi quando ele recebeu o convite para que fundasse uma associação, pois, em Minas Gerais ainda não havia nenhuma. Antes de aceitar o convite, o Sr. João Clemente junto a seus amigos

passaram a fazer várias reuniões com os responsáveis pela Casa da Cultura¹³, que na época eram Sandra Carolina e Fernando Narduchi.

Com algumas reuniões para discutir sobre as apresentações na cidade e a criação da associação, foi decidido que realmente ela seria fundada em Uberlândia, com a ajuda e o compromisso de João Clemente e seus amigos, que já faziam parte de um grupo de Folia de reis.

Apoiados pela Casa da Cultura foi preciso encontrar alguém, que segundo o Sr. João Clemente, entendesse de documentos, ou seja, das leis, para que o processo fosse feito corretamente, já que nenhum deles entendia. Diante de tais necessidades, eles convidaram o Sr. Alair Rabello para participar do projeto e fundarem a associação.

“Então eles falaram a Sandra mais o Fernando, falaram que a gente tinha que procurar alguém assim, uma pessoa que entendesse de papel, conversar com qualquer pessoa lá dentro da secretaria né, dentro da prefeitura ou qualquer outro lugar né.” (João Clemente, 2017)

A criação da Associação tinha como principal objeto unir os ternos de Uberlândia com os ternos das cidades vizinhas, para que não houvesse mais brigas, ou qualquer outro tipo de disputas, já que tinham o mesmo propósito, que nas palavras de João Clemente era “adorar a Jesus Cristo”

“Então a gente queria acabar com esse negócio aí sabe, unir, isso é uma irmandade né. A gente tava trabalhando no mesmo sentido, tudo pra adorar a Jesus Cristo né, o recém nascido.”

Com a intenção de conseguir um terreno para a construção da Capela, João Clemente foi até o prefeito da cidade, que na época era o Zaire Rezende¹⁴, e explicando

¹³ No ano de 1983, com a criação da Secretaria Municipal de Cultura, o poder público municipal solicitou ao Estado a doação do imóvel à Prefeitura para que ali fosse sediada a futura “Casa da Cultura”. Essa doação efetivou-se por meio do Projeto de Lei n. 8541/84 e do Contrato de Comodato firmado entre o Estado e o Município. Em seguida, a Prefeitura, em parceria como IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico), iniciou o processo de restauração do edifício, recuperando alguns de seus elementos originais, como a pintura, ornamentos parietais e lustres, e removendo algumas estruturas que foram adaptadas em seu espaço interno. As atividades de restauração foram concluídas em 1985, inaugurando, portanto, a Casa da Cultura, um centro cultural de realização de oficinas, projeções de filmes, dança, atividades culturais, palestras e exposições.

¹⁴ Zaire Resende nasceu em Uberlândia (MG), no dia 25 de dezembro de 1931, filho de João Resende e de Antônia da Silva Resende. elegeu-se prefeito de Uberlândia em novembro de 1982, mantendo-se no

a situação, pediu para que o mesmo lhes desse um terreno, onde seria preservada uma importante prática cultural da cidade de Uberlândia.

Rapidamente Zaire Rezende aprovou o pedido e eles logo começaram a procurar um terreno, até encontrarem e construírem onde hoje é a Capela, na Rua Barão de Ouro Preto 93, localizado no Bairro Pampulha.

Em 1985 com o terreno escolhido e com boa parte dos materiais cedidos, João Clemente e os amigos, que já faziam parte do mesmo grupo, começaram a construir a Capela com os próprios “braços” e com muita dificuldade, principalmente porque não tinha água no terreno e eles tinham que pedir emprestado para o vizinho.

No ano seguinte, em 1986 a construção foi inaugurada e assim os ternos passaram a se inscrever e a fazer parte da Associação.

“É, isso aqui era um chão duro, mas, parece que foi compactado sabe, que eu gosto de falar isso também, deu um trabalho pra fazer esses alicerces, essas bases aí, porque nem água tinha aqui, era tudo emprestado, pegava água do vizinho ali que mora quase de frente, na borrachinha, aquela borrachinha fininha pra ir molhando, pra ir furando com o bico da picareta sabe.” (João Clemente, 2017)

“Eu gosto muito bem de frisar isso aí também, pra todos também, porque isso aí é a pura verdade, eu bati muita picareta aqui, assentei muito tijolo aqui, aqueles arcos lá que você está vendo fui eu que arrematei tudo, o presépio, aquela portinha, tudo eu que arrematei, por cima da porta ali, aquele arremate foi eu que fiz também, porque eu trabalhava de pedreiro né.” (João Clemente, 2017)

Hoje são mais de 40 ternos de Folia inscritos e que participam ativamente de todas as celebrações durante o ano, principalmente no Natal, que é a data principal da Folia de Reis. Logo após a inauguração da Capela, todas as comemorações e os encontros passaram a ser feitos nela, e ainda hoje é assim, principalmente nos dias das mães, dos pais ou o dia de algum Santo, sem esquecer o dia de Santos Reis e da missa aos Domingos.

cargo até dezembro de 1988, graças à legislação que prorrogou por dois anos o mandato de todos os prefeitos do país.

Em outubro de 1990, pela legenda do PMDB, conquistou uma cadeira de deputado federal por Minas Gerais, tendo sido o candidato mais votado na região do Triângulo Mineiro.

3.1- A criação do grupo de Jovens da Capela de Santos Reis

Aceitando a um pedido, o Sr. João Clemente criou um grupo de jovens, chamado Jovens do Oriente, que tem como objetivo ensaiar os jovens e mantê-los sempre juntos, para que logo eles possam criar um novo terno, e ajudar a preservar a tradição.

O grupo é formado por jovens de diversas idades, que mesmo tendo entre nove e doze anos, já sabem tocar vários instrumentos, enquanto a cantoria ainda não é tão boa. Por conta da facilidade em tocar, os jovens deixaram os pais e os outros membros impressionados e muito empolgados com a união dos meninos, que sempre demonstraram muito interesse.

De acordo com João Clemente, os jovens do grupo têm boa vontade em aprender e sabem até mais que os mais velhos, com relação aos instrumentos, e que o grupo está dando certo, mas que a maior dificuldade está em colocar as vozes em sintonia, mas que ele tem bastante paciência para ensiná-los.

“Jovens do Oriente é o nome do grupo né, então a gente começou, marcaram a primeira reunião lá com os foliões e até surpreenderam a gente, porque sobre a instrumentação, eles tava sabendo mais do que nós, mas sobre voz não né. A cantoria não, aí vai nós ensinar né, e tamo pelejando, porque tem muitos lá que ainda não pegaram ainda, pegou mais ou menos né. Então é onde a gente tá procurando ter mais... eu graças a Deus sempre tive muita paciência, e acho que o Célio também tem bastante paciência, porque tamo procurando né, ensinar” (João Clemente, 2017)

“Eles tem boa vontade, isso aí é uma verdade, todos eles, e tem 9, 10 anos, 11, 12, tem uns seis ou oito nessa idade aí sabe.” (João Clemente, 2017)

Durante a entrevista, ele conta que antigamente poucos jovens participavam dos grupos, pois acreditava-se naquela época, que a Folia era uma coisa apenas dos mais velhos, já que eram mais responsáveis, e que os jovens não podiam sair em peregrinação, desrespeitando a tradição e a casa dos fiéis.

“Quando eu comecei, tinha os jovens, tinha uns três, sempre tinha uns três quatro, e muito interessado sabe.” (João Clemente, 2017)

“Aquilo era uma coisa séria mesmo, não era coisa de brincadeira, e os jovens não podia sair com brincadeira na casa das pessoas né, não ia ficar bem, parece que ia por aí assim, foi o que a gente entendeu, e hoje não, hoje a gente tem que procurar a ensinar esses jovens, já justamente pra não acontecer isso, instruir eles, pra eles já entrar no caminho certo, não fazer certas coisas.” (João Clemente, 2017)

Ainda de acordo com o entrevistado, hoje ficou tudo mais fácil, principalmente a locomoção e a comunicação dos integrantes, que agora é bem mais prática, fazendo com que os foliões consigam falar entre si a qualquer momento, além de sempre chegarem mais rápido aos encontros, já que a maioria possui seu próprio carro.

“Hoje, hoje a coisa ta bem mais fácil né, hoje quase todo mundo hoje tem um carro né, tem uma moto né, inclusive os foliões mesmo, e quando às vezes não tem, mais o capitão às vezes têm, um folião que mora perto do outro né, leva, e naquele tempo era mais difícil, porque pouca gente tinha condição né, até mesmo uma bicicleta naquele tempo pouca gente tinha, porque pouca gente tinha condição pra comprar né, eu mesmo passei por isso aí, que demorei muito pra comprar uma bicicleta porque não dava conta. Então acho que hoje, ta bem mais fácil, nesse sentido aí, os foliões parecem que, não sei parecem que tem mais facilidade hoje de adquirir as coisas né, comprar né, ou a própria vida que todo mundo ta levando hoje parece que facilitou muito né, melhorou muito nesses aspecto aí, da pessoa poder comprar um veículo, compra um meio de transporte assim né, então acho que melhorou bastante.” (João Clemente, 2017)

A entrevista só afirma o quanto é importante ensinar aos jovens, pois os mais velhos estão falecendo e a cultura está sendo esquecida, por isso, é necessário repassar tudo o que já se sabe, para que os mesmos prossigam e mantenham viva a tradição.

“Então parece que hoje a gente ta procurando ensinar mais eles porque? Porque os velhos tão morrendo, ta acabando a Folia de Reis né.” (João Clemente, 2017)

É muito triste ver a dificuldade que os foliões vêm enfrentando para preservar a Festa de reis, mas, é preciso que todos se unam e passem a valorizá-la, antes que ela se perca em meio às transformações naturais que acontecem na sociedade conforme ela cresce.

3.2- Mudanças ocorridas com a chegada da modernização

Com a chegada da urbanização e com o deslocamento de pessoas do campo para a cidade, aconteceram algumas mudanças na composição dos grupos de folia e do seu universo. Antes, os grupos eram formados por familiares, e hoje esse círculo é bem mais abrangente, podendo qualquer um fazer parte de um terno.

Castilho em seu texto “Os sentidos da modernização” trabalha com os conceitos de modernidade e modernização, afirmando que ambos se espalharam na História e na Literatura ainda no século XVIII, a partir da revolução industrial e francesa. A palavra em si surgiu para designar e identificar as transformações que aconteciam nos sistemas políticos e sociais, sendo hoje a modernização um processo constante que produz transformações nas sociedades contemporâneas.

Antes da crescente modernização, os giros eram feitos a pé, atualmente, eles são feitos com a utilização de vários meios de transporte, o que facilitou carregar os instrumentos. Por causa da falta de tempo das pessoas, a visitação passou a ser feita no período noturno e com hora marcada, para que todos consigam participar da celebração.

Uma mudança significativa para a Folia de Reis, é que atualmente, a jornada ocorre o ano inteiro, exceto na quaresma, pois segundo os foliões, é um período que deve ser respeitado e não pode tocar a caixa¹⁵.

Mesmo ainda sendo considerada uma festa tradicional, já é possível notar grandes mudanças na sua realização e significação, e uma delas está em nunca antes, se ter ouvido falar que os mais velhos esqueceram ou não sabiam o porquê da realização de cada ritual, enquanto hoje, os grupos cumprem certos ritos, que nem eles mesmos sabem explicar o porquê precisam ser realizados, apenas cumprem, com a justificativa de que aprenderam assim, então assim deve ser feito.

Diante tantas mudanças na sociedade, não podemos julgar os foliões, porque isso é só mais uma prova de que a festa foi se modificando e perdendo alguns significados com o tempo, não que os mais velhos não tenham passado para os seus descendentes, mas sim, que a tradição vem se perdendo.

¹⁵ Tipo de tambor composto por um corpo cilíndrico de pequena seção, com duas peles fixadas e tensionadas através de aros metálicos, uma esteira de metal, constituída por pequenas molas de arame colocadas em contato com a pele inferior, que vibra através da ressonância produzida sempre que a pele superior é percutida, produzindo um som repicado. Teve sua origem na Europa do século XV, onde a sua utilização básica surgiu com a marcação de ritmos em marchas militares.

Outra mudança muito comum na Folia de reis é na forma com que estão sendo preparadas as comidas da festa, antes, quando era de costume se apresentar nas fazendas, a comida era quase toda retirada do campo, desde a carne, os legumes e até as frutas que são utilizadas para a fabricação dos doces, que sem dúvida é uma das partes preferidas dos fiéis.

Atualmente, boa parte dos alimentos é industrializada, e até mesmo congelada, o que não interfere em nada na festa, a não ser a praticidade de já comprar quase tudo pronto. Como as festas estão sendo mais comuns na zona urbana, os fogões a lenha também foram deixados de lado, sendo trocados pelos fogões a gás, que torna tudo mais rápido.

Como consequência, a modernidade trouxe muitos pontos positivos e negativos, onde as pessoas foram tendo que se adaptar a eles. Vista como ponto positivo, a tecnologia trouxe os vários meios de transporte e de comunicação, o que agilizou e facilitou a comunicação entre os integrantes dos grupos. Tal fato é notado quando os foliões mais antigos dizem que antes eles realizavam o pouso¹⁶, e hoje já não é mais necessário.

Já como ponto negativo, a mesma tecnologia fez os foliões e principalmente os jovens se afastarem da tradição e se voltarem a uma tecnologia que os mantém entretidos a todo o momento, fazendo com que eles deixem de lado toda uma herança histórica.

Pode ser, que a dificuldade em passar a tradição para os jovens esteja no pouco interesse por parte dos mesmos em aprender e fundar novos ternos, mas, também devemos lembrar que não é só a falta de interesse que afasta a todos, mas, também a correria do dia-a-dia, tanto para os adultos como para os próprios jovens, que precisam estudar e trabalhar.

Por isso, não podemos simplesmente culpar as novas tecnologias e dizer que os jovens vêm abandonando a tradição, mas, entender que a internet e as outras tecnologias são grandes geradoras de laços, que se modificam de acordo com as mudanças do indivíduo.

Na prática quando as tradições passam de geração para geração não ocorre à reprodução absoluta da mesma, ou seja, as novas gerações interpretam segundo a realidade de cada época, sendo adaptadas segundo suas necessidades e intenções.

¹⁶ Dormir na casa de alguém.

Uma importante questão trazida no texto “comunidades virtuais ou sociedade em rede?” de Manuel Castells¹⁷, é que as pessoas não mudam seu comportamento e depois se incorporam a tecnologia, pelo contrário, elas se adaptam ao que a tecnologia traz de novo, e assim aconteceu com a Folia de reis durante todos estes séculos de tradição.

¹⁷ Doutor em sociologia pela Universidade de Paris, é professor nas áreas de sociologia, comunicação e planejamento urbano e regional e pesquisador dos efeitos da informação sobre a economia, a cultura e a sociedade em geral. Principal analista da era da informação e das sociedades conectadas em rede, sua obra virou referência obrigatória na discussão das transformações sociais do final do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todo começo de pesquisa bibliográfica, partimos de algo que de alguma forma já foi planejado, e assim, buscamos temas e subtemas que nos interessam, mas, nos esquecemos que toda pesquisa tem várias possibilidades, e isso nos confunde e torna mais difícil ainda a escolha do que realmente é necessário conter em um trabalho monográfico.

Quando escolhi trabalhar com a Folia de Reis, melhor dizendo, com a Capela de Santos Reis, não imaginava que quando chegasse o momento de ir atrás das fontes, não as encontraria, e isso a primeiro momento me deixou bastante abalada e me fez repensar sobre meu tema, mas, não me via falando sobre outra coisa se não essa festa que faz parte da minha vida e pela qual tenho tanto amor.

Mesmo com a falta dos ditos documentos oficiais, parti para uma pesquisa com fontes orais, algo que não estava acostumada, mas, que amei fazer, pois, ouvindo o Sr. João Clemente contar sua história, viajei com ele de volta ao passado, para tentar entender como foi difícil a trajetória de vida dele, mas, que mesmo assim, ele se dedicou totalmente à construção da Capela e a preservação dessa tradição.

Em muitos momentos, durante a entrevista, o Sr. João Clemente se emocionou, e eu também, me senti como se tivesse feito parte de toda sua vida, simplesmente por que ele se abriu e me deu liberdade para saber sobre sua história.

Foi extremamente difícil trabalhar com uma fonte oral e sair do famoso comodismo dos documentos, que querendo ou não, propiciam uma maior segurança no que se está dizendo. Minhas dificuldades são visíveis no decorrer do texto, e acredito ser normal, já que é o primeiro trabalho de conclusão de curso.

Realizando esse tipo de pesquisa notei como no próprio curso de História quase não se pratica esse tipo de pesquisa, no caso, com fontes orais, e só aprendemos quando realmente precisamos e quando somos nós os responsáveis por fazer.

Talvez, o trabalho tenha faltado informações pertinentes, mas, espero, em outra oportunidade, que eu possa continuar a estudar sobre meu tema e trazer as questões que por algum motivo não achei importante colocá-las ou que realmente não tive a consciência de que eram necessárias.

FONTES

Entrevistas

Entrevista realizada com o Senhor João Clemente, funcionário aposentado da Prefeitura de Uberlândia. Uberlândia 15/07/2017. Duração de 53 minutos.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Martha e SOIHET, Rachel, **Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologia**. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

ABREU, Martha. **Festas e cultura popular na formação do "povo brasileiro"**. São Paulo:1988. 24 p.

ABREU, Mauro William de. **Folia de Reis: fé e resistência das tradições religiosas populares entranhadas nas ondas do progresso e da modernidade de Uberlândia (1980/97)**. Uberlândia,1999. 114 p.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura Popular Brasileira**. 3. ed. Sp: Melhoramentos, 1977. 198 p.

BONESSO, Márcio. **Encontro de bandeiras: as folias de reis em festa no Triângulo Mineiro**. Uberlândia: Edufu, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore**, Editora Brasiliense, 4ª edição, 1982.

CASTELLS, Manuel. **Comunidades virtuais ou sociedade em rede?** 2007. 21 p.

CASTILHO, Denis. **Os sentidos da modernização**. Goiânia- Goiás, 2010. 140 p.

DÂNGELO, Newton. **História e Cultura Popular: saberes e linguagens**. Uberlândia: Edufu, 2010. 393 p.

GARCIA, Sylvia Gemignani. **Folclore e sociologia em Florestan Fernandes**. São Paulo: Tempo Social- Rev. Sociol, 2001. 24 p.

GOLOVATY, Ricardo Vidal. **Cultura Popular: Saberes e práticas de intelectuais, imprensa e devotos de Santos Reis, 1945-2002**. Uberlândia, 2005. 180 p.

GONÇALVES, Gabriela Maques. **Cultura popular e comunicação: A folia de reis em bairros populares de Juíz de Fora**. Juiz de Fora: Uff, 2014. 117 p.

MELLO, Maurício de. **O encontro da cultura popular e os meios de comunicação na obra de Solano Trindade: Os anos em Embu das artes (1961-1970)**. São Paulo:,2009. 136 p.

MONTEIRO, Marianna. **Dança popular: Espetáculo e Devoção**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011. 239 p

PEDROSOS, Carlos. **Folia de Reis: folclore encantado**. Uberaba- Mg: Carlos Pedroso, 2003. 159 p. Prefácio da Prof Solange de Melo M.N. Borges.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. Projeto História, São Paulo, n. 14, p.7-24, fev. 1997: Portelli, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Projeto História. São Palo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

RANGEL FILHO, Marcos Antônio. **Festejar, Rezar e trabalhar: uma visão sobre a folia de reis na fazenda Cocal**. Uberlândia, 2006. 95 p.

SANTANA, Iane Arantes de Melo. **A Folia de reis no município de novo Brasil: Tradição e “cultura popular” (2000 a 2010)**. Jussara- Go, 2011. 48 p.

SILVA, Juliana Martins. **FOLIA DE REIS- Comunidade Cruzeiro dos Martírios Catalão (GO): Identidades em transformação 1974-2012**. Uberlândia, 2014. 169 p.

SILVA, Paulo Sérgio da. **A Multidimensionalidade das Manifestações Culturais: o Sagrado e o Profano no Contexto das Falias de Reis**. São Paulo: Dialogando no Turismo, 2007. 34 p.

SOARES, Beatriz Ribeiro. **Uberlândia: da cidade jardim ao portal do cerrado—imagens e representações no Triângulo Mineiro**. São Paulo, 1995. 277 p.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, Procissões, Romarias, Milagres: Aspectos do catolicismo popular**. Natal: Ifrn, 2013. 160 p.

TENAGLIA, Buna Braga; ROCHA, Thais Rocca. **O avanço da modernidade nas tradições**. Uberlândia, 2014.

UBERLÂNDIA, Prefeitura de. **Patrimônio Imaterial**. Uberlândia: Prefeitura de Uberlândia- Nossa Cidade Cada Vez Melhor, 2017.

VIEIRA, Sonia Maria. **Folia de Reis**. Ilha do Fundão: Ufrj, 1989. 57 p.